

Revista Cognition, v.5, n.2, dez. 2023, p. 164 – 196.
doi: 10.53546/2674-5593.cog.2023.93



Anais

SEMANA ACADÊMICA DA FACULDADE FIDELIS 2023

Inclusão e Tolerância: desafios e propostas

06 a 07 de novembro de 2023

Local

Faculdade Fidelis, Curitiba, PR

<https://www.even3.com.br/semana-academica-fidelis-2023/>

ANAIS DA SEMANA ACADÊMICA DA FACULDADE FIDELIS 2023

Inclusão e Tolerância: desafios e propostas

Uma publicação da Revista Cógno
Semana Acadêmica da Faculdade Fidelis
Inclusão e Tolerância: desafios e propostas
Curitiba, PR,
06 a 07 de novembro de 2023.

Coordenação Editorial

Katiane Janke Krainski

Compilação

Katiane Janke Krainski

Projeto Gráfico e Diagramação

Katiane Janke Krainski

<https://www.even3.com.br/semana-academica-fidelis-2023/>
Agosto de 2023

ANAIS DA SEMANA ACADÊMICA DA FACULDADE FIDELIS 2023

COMISSÃO ORGANIZADORA

Organização Geral

Clayton Lima de Souza
Gabriel Negri
Katiane Janke Krainski
Michele Sampaio da Silva

Comissão Científica

Clayton Lima de Souza
Jeferson Cardoso
Mariluce Emerin de Melo August
Mary Natsue Ogawa
Raphaela Ohanna Schmitz Rios

Comissão Divulgação

André Warkentin

Comissão Palestrantes

Clayton Lima de Souza
Katiane Janke Krainski
Michele Sampaio da Silva

Comissão Inscrições

Bruna Cristine Pizzaia
Juliana Martins Grein

Patrocínio

Faculdade Fidelis

Comissão Secretaria

Bruna Cristine Pizzaia
Juliana Martins Grein

Sumário

SEMANA ACADÊMICA DA FACULDADE FIDELIS 2023.....	164
Resumos categoria Pedagogia	168
O BILINGUISMO E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE A NEUROPLASTICIDADE CEREBRAL NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NOS ANOS INICIAIS.....	169
SENSIBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE COLABORADORES E ALUNOS DA FACULDADE FIDELIS PARA A TEMÁTICA DA EJA	172
ADAPTAÇÃO DE CRIANÇAS REFUGIADAS EM NOVOS AMBIENTES ESCOLARES	174
GAMIFICANDO O ENSINO DE CIÊNCIAS	176
A INSERÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NAS AULAS DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR	178
VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL NO BRASIL: O PAPEL DO PROFESSOR NA IDENTIFICAÇÃO E INTERRUPTÃO DO ABUSO	180
TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E APRENDIZADO COLABORATIVO: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES PARA O ENSINO DO SÉCULO XXI.....	182
Resumos categoria Psicologia	184
A METANÓIA DO AUTOCONHECIMENTO	185
Resumos categoria Teologia.....	187
O CRIMINOSO E A VÍTIMA A PRESENÇA DE DEUS NA RESTAURAÇÃO E PACIFICAÇÃO	188
DISCÍPULO RADICAL	190
RELATO DE EXPERIÊNCIA: INFLUÊNCIA DA RESTAURAÇÃO EMOCIONAL NA ESPIRITUALIDADE.....	191
O LUTO E AS MANEIRAS DE REAGIR ÀS PERDAS	193
O QUE É NECESSÁRIO PARA SER UMA IGREJA BÍBLICA.....	195



Resumos categoria Pedagogia

O BILINGUISMO E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE A NEUROPLASTICIDADE CEREBRAL NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NOS ANOS INICIAIS

Jackeline Thiefenbacher¹
Patrícia Cardoso Campos Nogueira²

RESUMO

O presente estudo pretendeu investigar o bilinguismo e a influência da neuroplasticidade no período de aquisição da linguagem. Adquirir ou desenvolver uma segunda língua durante a infância pode ser uma vantagem, já que uma das maiores ferramentas para comunicação é a linguagem. O bilinguismo foi escolhido como tema de investigação bibliográfica na tentativa de relacioná-lo a um fator facilitador da aprendizagem nos anos iniciais. Através da ferramenta da linguagem, somos capazes de interagir socialmente e vivenciar experiências de relações sociais ao longo da vida. O objetivo deste trabalho é compreender as implicações psicológicas e pedagógicas dos possíveis aspectos neuronais que a prática do Bilinguismo precoce pode provocar nas crianças. Essa pesquisa bibliográfica foi feita a partir de artigos buscados na base SciELO, resultantes da procura pelos temas: bilinguismo, neuroplasticidade e aquisição da linguagem. Foram destacados os benefícios de aprender uma segunda língua durante a infância e discutidos os aspectos cognitivos e cerebrais que envolvem tal atividade. Foram evidenciadas as vantagens encontradas na obtenção de um segundo idioma. Além da convivência com outras culturas, os cérebros bilíngues apresentam melhor desenvolvimento cognitivo, e atenção mais apurada se compararmos com os monolíngues. Os estudos aqui apresentados apontam que as conexões sinápticas tendem a ser facilitadas quanto mais forem solicitadas. Assim, foi possível compreender, que da mesma forma, a neuroplasticidade e as conexões neurais são beneficiadas pelos estímulos provocados pelo bilinguismo. Enquanto responsabilidade social, esses resultados implicam em reflexão dos pedagogos e demais profissionais comprometidos com a educação sobre a importância do bilinguismo enquanto fator de favorecimento da neuroplasticidade nos anos iniciais.

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo. Neuroplasticidade. Aquisição da linguagem. Anos iniciais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wilson. A educação jesuítica no Brasil e o seu legado para a educação na atualidade. **In: Revista Grifos**, n. 36/37, p. 117-126, 2014.

BIALYSTOK, Ellen. Bilingualism: The good, the bad, and the indifferent. **In: Cambridge University Press**, v. 12, n. 1, p. 3-11, ago. 2008.

¹Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis. jackelinetiefenbacher@gmail.com

²Psicóloga pela UFPR. Especialista em Dependências Químicas pela PUC/PR e em Gestão pela FACEL. Docente do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Fidelis.

BIALYSTOK, Ellen; CRAIK, Fergus I. M.; LUK, Gigi. Bilingualism: Consequences for Mind and Brain. **In: Trends Cogn Sci**, Nova York, v. 4, n. 16, p.240-250, abr. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2023.

BOLA, Isabella *et al.* Como surgiu o Bilinguismo no Brasil. Abril de 2019. Disponível em: <https://www.youbilingue.com.br/blog/como-surgiu-o-bilinguismo-no-brasil/>. Acesso em: 12/03/2023.

DASSI, Camila C. de Oliveira. **Os benefícios e desafio do bilinguismo na infância e o desenvolvimento cognitivo cerebral**. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português - Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

DAVID, Ricardo Santos. Professor quanto mais cedo é melhor? O papel diferencial da educação bilíngue. **In: Revista X**, Curitiba, v. 12, n. 3, p.178-193, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/30407>. Acesso em: 01/05/2023.

FRIZZO, Celina Eliane. **O Processo de aquisição e aprendizado de línguas e o bilinguismo**. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Letras – Língua Inglesa e Respectivas Literaturas, Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2013, 55 p. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2170/TCC%>.

GABRIOTTI, Rafaela Bepe. ZOMIGNAN, Rosângela. O Cérebro Bilíngue: Processos cerebrais durante a aquisição de linguagem. **In: Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. v. 16, p. 68-96. Agosto de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/cerebro-bilingue>. Acesso em: 05/05/2023

JUCÁ, Ricardo Westphalen de Queiroz. **A língua inglesa no ensino secundário brasileiro: 1838-1930**. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010. 140 p.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Prentice-Hall International, 1987.

LENT, R. **Cem Bilhões de Neurônios: Conceitos fundamentais de neurociência**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2004.

MARCELINO, Marcello. Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas. **In: Revista Intercâmbio**, São Paulo: LAEL/PUC-SP, v. 19, p. 1-22. 2009.

MENGARDA, Elias José. Aquisição da linguagem e bilinguismo. **In: Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, v. 9, n. 1, p. 85-104, abr. 2015. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4420>. Acesso em: 01/06/2023.

NOBRE, A. P. M. C.; HODGES, L. V. DOS S. D. A Relação Bilinguismo-cognição no processo de alfabetização e letramento. **In: Ciências & Cognição**, v. 15, n. 3, dez. 2010.

OLIVEIRA, Gilvan M. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. **In: Synergies Brésil**, v. 7, p. 19-26, 2009.

PREUSS, Elena Ortiz; ÁLVARES, Margarida Rosa. Bilinguismo e políticas linguísticas no Brasil: da ilusão monolíngue à realidade plurilingue. **In: Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 36, n. 4, p. 403-414, 2014.

RAMACCIOTTI, M. Bilinguismo como recurso de neuroplasticidade: uma hipótese a ser considerada. **In: Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 2, p. 1–6, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1543>. Acesso em: 24/02/2023.

RUSSO, Rita M. **Neuropsicopedagogia Clínica - Introdução, Conceitos, Teoria e Prática**, Curitiba: Juruá, 2015.

TOWNSEND, S. A. M.; TEIXEIRA, M. T. Bilinguismo reconfigura sistemas atencionais cerebrais através da neuroplasticidade ao longo da vida. **In: Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 2, p. 1–6, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1558>. Acesso em: 20/04/2023.

SENSIBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE COLABORADORES E ALUNOS DA FACULDADE FIDELIS PARA A TEMÁTICA DA EJA

Patrícia Cardoso Campos Nogueira²
Noemi Oliveira Da Silva³
Maria Eduarda Baraus Lima³
Ana Ester Krauss Andrade³
Emily Koch³
Uhene Eloize De Andrade³
Maria Eduarda Custódio Da Silva³
Marli Ebert³
Emanuely Doro Ramos³
Rosangela Vernek Galiotti³
Ana Gabriela De Moura Duarte Tinidor³

RESUMO

A educação de jovens e adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada a pessoas que não concluíram a educação básica na idade apropriada. Ela abrange o ensino fundamental e médio e visa proporcionar oportunidades de aprendizado para jovens e adultos que, por diferentes motivos, não puderam frequentar a escola na fase convencional. A EJA reconhece que a educação é um direito fundamental, independente da idade, e busca promover a inclusão social e o desenvolvimento pessoal e profissional de quem dela participa. Ela é flexível em termos de currículo e metodologias, adequando-se às necessidades e características dos alunos adultos, muitas vezes trabalhadores, com famílias e responsabilidades. Essa modalidade de ensino é uma ferramenta importante para combater o analfabetismo, elevar a escolaridade da população e promover a igualdade de oportunidades. A EJA é essencial para capacitar adultos com conhecimentos e habilidades necessárias para melhorar suas vidas e contribuir para suas comunidades. Existem várias razões pelas quais a EJA deve ser valorizada e apoiada. Primeiramente, a EJA promove a igualdade de oportunidades, permitindo que pessoas de diferentes origens sociais, econômicas e culturais tenham acesso à educação, independentemente da idade. Além disso, contribui para a formação de cidadãos mais informados e conscientes. Quando os adultos retornam à sala de aula, eles adquirem conhecimentos que podem ser aplicados em suas vidas cotidianas, tornando-se membros mais ativos e responsáveis da sociedade. A educação de adultos também tem benefícios econômicos; pessoas com maior educação tendem a ter melhores perspectivas de emprego e ganham salários mais altos, o que, por sua vez, pode impulsionar a economia. A EJA também desempenha um papel fundamental na preservação da cultura e identidade de grupos minoritários e comunidades tradicionais, ao permitir que transmitam seus conhecimentos e tradições às gerações mais jovens. Em resumo, a educação de jovens e adultos é uma ferramenta poderosa para promover a igualdade, melhorar a cidadania, impulsionar a

² Psicóloga pela UFPR. Especialista em Dependências Químicas pela PUC/PR e em Gestão pela FACEL. Docente do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Fidelis.

³ Discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

economia e preservar a cultura. É essencial investir nessa modalidade de ensino e garantir que todos tenham a oportunidade de continuar aprendendo ao longo da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Conhecimento. Igualdade.

ADAPTAÇÃO DE CRIANÇAS REFUGIADAS EM NOVOS AMBIENTES ESCOLARES

Jessica Cristina Ferreira Henkel Zimmermann⁴
Claciana Gomes Fermino Bail⁴
Beatriz Jasper Boldt⁴

RESUMO

O ambiente escolar não é apenas um local de aprendizado, mas um espaço de acolhimento, segurança e pertencimento. Diante dessa realidade, é imperativo que educadores e todos os envolvidos se adaptem para assegurar a inclusão de todos os alunos, especialmente das crianças refugiadas. No Brasil, estamos testemunhando um aumento constante no número de alunos provenientes de áreas afetadas por conflitos, muitos dos quais não tiveram a preparação ou a orientação adequada por parte de seus pais ou responsáveis. Portanto, é fundamental que essas crianças recebam acolhimento e assistência durante a transição para esse novo ambiente escolar (KRAMER, 1999). Isso requer um planejamento adequado que leve em consideração todas as necessidades dos alunos, com foco especial nas crianças refugiadas. O objetivo é promover a inclusão de todos na sala de aula, compreendendo e enfrentando os desafios e dificuldades que surgem no cotidiano escolar (FREIRE, 2006). As aulas precisam ser estruturadas de acordo com as vivências individuais, reconhecendo seus conhecimentos prévios, incentivando a interculturalidade e, por conseguinte, o respeito à diversidade. Além disso, os educadores devem ser flexíveis e adaptar constantemente suas abordagens pedagógicas para promover a interação e a assimilação dos conteúdos definidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). É fundamental identificar as barreiras que as crianças enfrentam, como traumas, barreiras linguísticas e dificuldades na interação social. Portanto, é fundamental estabelecer um ambiente acolhedor e seguro, promovendo a integração social e emocional. Avaliações das necessidades educacionais individuais devem ser realizadas regularmente (avaliações diagnósticas) e o currículo deve ser adaptado conforme necessário. A formação dos professores desempenha um papel fundamental nesse processo, e a colaboração entre a escola e a comunidade é essencial para garantir uma inclusão bem-sucedida. A integração de crianças refugiadas no ambiente escolar é um desafio significativo, porém vital. Requer o comprometimento de toda a comunidade educacional e local. Adotar abordagens sensíveis à diversidade cultural, promover a empatia e criar um ambiente acolhedor são passos essenciais. As escolas têm o potencial de desempenhar um papel fundamental na transformação das vidas das crianças refugiadas, influenciando não apenas as crianças, mas também suas famílias como um todo. A educação não apenas oferece oportunidades de aprendizado para essas crianças, como as capacita a se tornarem cidadãs integradas e membros ativos de suas novas comunidades. Ao celebrar a diversidade e promover a inclusão, as escolas podem inspirar valores de respeito e compreensão, contribuindo para a construção de sociedades mais ricas e compassivas para todos.

⁴Discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Educação de Refugiados. Ambiente Escolar. Diversidade Cultural. Desafios da Inclusão.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Ana Maria. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **In: Revista Educação**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 387-393, mai./ago. 2006.

KRAMER, Sonia. **O papel social da educação infantil**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 1999.

MAZON, Gislaine Luna; GUARNIERI, Melissa. **A adaptação e o acolhimento da criança na educação infantil: o papel da comunidade escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

NASCIMENTO, Jarina Muniz. **As crianças refugiadas nas escolas municipais de Curitiba**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia - Curso de Pedagogia, Faculdade UNINA, Curitiba, 2020, 36 p.

SILVA, Vinícius Alves da; CARDOZO, Poliana Fabúla. A integração de alunos refugiados no ambiente escolar: uma análise das iniciativas institucionais. **In: Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, Ponta Grossa, v. 26, n. 1, p. 10-21, jan/abr. 2018.

GAMIFICANDO O ENSINO DE CIÊNCIAS

Beatriz Jasper Boldt⁵

Jessica Cristina Ferreira Henkel Zimmermann⁶

RESUMO

O trabalho na área de Ciências da Natureza envolve a compreensão e interpretação do mundo (natural, social e tecnológico) com base no conhecimento teórico já produzido ao longo dos anos (BRASIL, 2018). Nesse sentido pode-se transformar o ensino de ciências por meio da gamificação, podendo torna-lo um ensino mais envolvente. Gamificar consiste no engajamento, envolvimento dos estudantes em busca da resolução de problemas. Os elementos de jogos como recompensas estão sendo criados para poder engajar, ensinar, envolver e resolver as situações-problema expostas aos estudantes, buscando uma forma de avaliar os conhecimentos postos em sala de aula para eles (Freitas-Neto, 2023). Ao entrar em um processo de avaliação diferente, a gamificação é baseada em jogos (manuais ou digitais). Encaminhando formas diferentes de conhecimento, a aula de ciências se torna mais criativa e com maior participação das crianças, promovendo-os a solucionar problemas, motivando as ações e movendo a aprendizagem. Com isso, o game não é apenas um entretenimento; e sim pode trazer funcionalidade para a aula, buscando solucionar os problemas levando os estudantes a construir conhecimentos. O game apresentado é a “roleta de atividades”, construída pela professora para a compreensão do ecossistema. A mecânica do game foi separar os estudantes em equipes. Eles iniciam indo até a roleta e girando, podendo cair nas opções de 1 a 10. Assim, quando cai em um número, os grupos têm o tempo limite de 3 minutos para efetivarem a resposta correta. Caso a resposta seja a incorreta, não serão creditados pontos à equipe; se eles acertarem, acumulam pontos e ganham um bônus ao final. Nessa roleta, foram colocadas perguntas nas quais os estudantes tinham um determinado tempo para responder, caso contrário, passaria para o outro grupo. Com uma estética bem colorida, os estudantes se envolveram na atividade, tentando resolver as questões propostas. Durante a atividade, observou-se que a turma se engajou na temática, procurando forma de resolver as perguntas correlacionadas ao tema ecossistema. Gamificar a aula de Ciências trouxe interesse, relevância do conteúdo, criatividade e descontração em sala de aula, envolvendo todos os estudantes da sala. A avaliação ocorreu por meio de feedbacks ao final do game, refletindo sobre as questões de maior dificuldade, com o intuito de ampliar o conhecimento. Houve alunos que apresentaram dificuldades para finalizar as respostas. Realizar o jogo em sala de aula é uma experiência que traz uma rotina diferenciada, exigindo comprometimento de todas as equipes, abrangência do tema e atenção. Conforme foi condicionado a eles, toda a atividade e o tema, a turma se sai com tranquilidade, apesar de haver muita competitividade entre as crianças de saber quem seria a equipe vencedora. Conclui-se que a gamificação não se limita a ser uma forma de entretenimento, mas sim uma ferramenta funcional que ajuda a atingir objetivos educacionais. Ela oferece uma oportunidade para os professores avaliarem o progresso dos alunos de maneira criativa, com feedback imediato e a possibilidade de refletir sobre áreas de maior dificuldade. A competitividade saudável entre as equipes pode aumentar o engajamento dos alunos, tornando a aula mais dinâmica e produtiva. No entanto, é importante ressaltar que a gamificação requer um comprometimento do professor em manter o foco nos objetivos de aprendizado. Quando aplicada com cuidado e planejamento, é uma abordagem

⁵Discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

eficaz que pode proporcionar uma experiência educacional diferenciada, melhorando a compreensão e interpretação do mundo natural, social e tecnológico por parte dos alunos na área de Ciências da Natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Gamificação. Ensino de Ciências. Ecossistema.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2023.

FREITAS-NETO, Michele Maria. Gamificação e Educação: uma abordagem inicial. In. CARIUS, Ana Carolina. **Pedagogia Digital: práticas possíveis em um cotidiano tecnológico**. Curitiba: CRV 2023

A INSERÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NAS AULAS DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

**Ana Paula Dallagassa Rossetin⁶
Maria Eduarda Custódio da Silva⁷
Ana Gabriela de Moura Duarte Tinidor⁸**

RESUMO

A educação nos anos iniciais desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e social das crianças. É nesse período que os alicerces do aprendizado são construídos, e é também uma fase em que a criatividade e a imaginação das crianças estão em pleno florescimento. Nesse contexto, a inserção da literatura infantil nas aulas de Geografia surge como uma estratégia interdisciplinar valiosa. Essa abordagem combina elementos da literatura com o ensino da Geografia, permitindo que as crianças explorem o mundo de forma lúdica e envolvente. A literatura infantil, repleta de histórias cativantes e personagens interessantes, oferece uma oportunidade única para introduzir conceitos geográficos de maneira acessível e contextualizar questões vividas no dia a dia dos alunos. Por meio de contos, fábulas e livros ilustrados, as crianças podem ser transportadas para diferentes lugares do mundo, explorando paisagens, culturas e desafios ambientais de maneira atraente. Isso ajuda a despertar a curiosidade e o interesse dos pequenos estudantes pela Geografia (BETTELHEIM, 2002). Nesse sentido, compreende-se que as histórias são ferramentas valiosas para a educação, pois têm a capacidade de envolver, entreter e despertar a curiosidade. No entanto, o verdadeiro valor das histórias vai além do entretenimento. Elas devem ser vistas como ferramentas para estimular a imaginação, desenvolver o intelecto e esclarecer as emoções das crianças, enriquecendo suas vidas e contribuindo para o seu desenvolvimento holístico. Portanto, as histórias bem escolhidas e contadas de forma adequada desempenham um papel crucial na formação e no crescimento do indivíduo. A literatura infantil pode ser usada para desenvolver a consciência espacial nas crianças. Histórias que exploram mapas, direções, distâncias e localizações geográficas ajudam os estudantes a compreender conceitos fundamentais da Geografia. Além disso, os livros ilustrados proporcionam uma representação visual das paisagens, promovendo o reconhecimento de diferentes elementos geográficos (ABRAMOVICH, 2006). A literatura infantil muitas vezes destaca personagens e ambientes de diversas partes do mundo. Ao explorar essas histórias, as crianças têm a oportunidade de aprender sobre diferentes culturas, tradições e modos de vida. Como no livro “Abracadabra”, que conta a história de uma cabra que encontra uma lâmpada mágica que a leva a diferentes lugares do mundo como o Polo Norte e Egito. Através desse livro, as professoras podem explorar diferentes áreas da Geografia, como trabalhar as características de cada lugar que a cabra passou, assim como quais são os habitantes e animais específicos da região. Os livros infantis apresentam enredos que despertam a curiosidade e encorajam o questionamento. Ao integrar as histórias nas aulas, os professores podem incentivar as crianças a fazer perguntas sobre o mundo ao seu redor, promovendo a curiosidade natural e estimulando a busca por respostas. A inserção da literatura infantil nas aulas de Geografia nos anos

⁶Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

⁷Discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis

iniciais é uma estratégia pedagógica enriquecedora. Essa abordagem interdisciplinar não apenas torna o aprendizado mais envolvente, como contribui para o desenvolvimento cognitivo e social. Ela prepara os alunos para entenderem o mundo de forma mais ampla, promovendo uma apreciação da diversidade cultural, habilidades de leitura e compreensão geográfica. Portanto, incentivar a interseção entre a literatura infantil e a Geografia é uma decisão educacional que beneficia tanto os professores quanto os estudantes, proporcionando um ensino mais dinâmico e significativo nos anos iniciais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil. Geografia. Anos Iniciais. Abordagem Interdisciplinar. Desenvolvimento Cognitivo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosura e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2006.

ALMEIDA, R. D. **Ensinar geografia para quem vive num outro mundo**. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Anais: Belo Horizonte, PUC/MG, n 5, 1999.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CALLAI, Helena C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Caderno CEDES, Campinas, n. 66, 2005.

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos (Org.) **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL NO BRASIL: O PAPEL DO PROFESSOR NA IDENTIFICAÇÃO E INTERRUPTÃO DO ABUSO

Ana Ester Krauss Andrade⁸
Jéssica Thalita Costa Guerra Kummer⁹
Ana Paula Dallagassa Rossetin⁷

RESUMO

A violência sexual infantil representa uma preocupação global, afetando aproximadamente sete crianças a cada hora no Brasil. Essa trágica realidade, em grande parte, tem suas raízes no seio familiar, onde figuras de autoridade perpetram esses atos muitas vezes sob ameaças, silenciando as vítimas. É de extrema importância identificar e interromper esses abusos para aliviar o sofrimento das crianças e garantir que recebam os cuidados necessários. Este trabalho busca explorar o papel fundamental do professor na educação infantil como um agente crucial na identificação de crianças vítimas de abuso sexual. A metodologia adotada abrange uma abordagem qualitativa, incluindo revisão bibliográfica para definir a violência sexual infantil, compreender os potenciais comportamentos das vítimas e discutir a capacitação do professor para identificação. Além disso, delinearam-se ações concretas que educadores podem adotar após identificar crianças vítimas de abuso sexual infantil, fundamentadas em pesquisas anteriores sobre o tema. Refletindo sobre a história, observa-se que a infância era frequentemente encurtada, com crianças sendo tratadas como adultos precocemente. Práticas que envolviam crianças em brincadeiras sexuais eram aceitáveis em muitas culturas. No entanto, ao longo do século XX, a percepção da infância evoluiu, especialmente com o advento de escolas e o desenvolvimento da psicologia do desenvolvimento. Ainda assim, indicadores atuais sugerem que esses comportamentos persistem, o que ressalta a urgência de abordar essa questão de maneira eficaz na sociedade contemporânea. Identificar o abuso sexual infantil é uma tarefa complexa, em parte devido à falta de evidências físicas visíveis. No entanto, o papel do professor na escola é crucial nesse processo. Apesar de o abuso sexual infantil ser reconhecido como crime no Brasil, ele persiste como uma forma de violência doméstica, muitas vezes enraizada em hierarquias de gênero e na cultura patriarcal. Para apoiar o professor nessa tarefa, destaca-se alguns sinais, como isolamento social, ansiedade sexual e comportamentos incomuns. Destaca-se a responsabilidade do professor diante de suspeitas ou confirmações de abuso sexual infantil. Legalmente, o professor tem o dever, conforme estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de notificar as autoridades competentes, como o Conselho Tutelar. Essa obrigação não é apenas ética, mas também uma exigência legal, com consequências sérias em caso de não conformidade, de acordo com o Artigo 13 do ECA. Em conclusão, o abuso sexual infantil é uma violação séria dos direitos fundamentais da criança, com impactos duradouros em seu desenvolvimento físico, psicológico e moral. O papel do professor na educação infantil vai além do ensino acadêmico, estendendo-se à proteção e identificação das vítimas de abuso sexual. A preparação do professor para reconhecer sinais não verbais e agir diante de casos suspeitos é essencial para romper o ciclo de violência e proporcionar cuidados adequados.

⁸Discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

⁷Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Sexual Infantil. Abuso Sexual Intrafamiliar. Professor da Educação Infantil. Identificação de Sinais. Proteção à Criança.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A, 1981.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Lei n. 8.069/90, Brasília, 1990.

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E APRENDIZADO COLABORATIVO: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES PARA O ENSINO DO SÉCULO XXI

**Bianca Lima Da Silva Dumke⁹
Adrieli Fernanda Alves Gomes⁹**

RESUMO

Atualmente, a organização curricular está fundamentada em disciplinas isoladas, cuja abordagem tende a fragmentar o conhecimento (BRASIL, 2018). A interdisciplinaridade, por sua vez, busca estabelecer conexões entre esses componentes curriculares, fomentando uma compreensão mais abrangente e integrada dos objetos de estudo. À luz das dinâmicas sociais e tecnológicas do século XXI, o avanço contínuo da tecnologia tem se revelado crucial, disponibilizando uma vasta gama de informações de maneira instantânea. Nesse contexto, o presente estudo tem como propósito apresentar estratégias que possibilitem a integração entre a interdisciplinaridade e as tecnologias no ambiente educativo, por meio de um ensaio teórico proposto por Meneghetti (2011). A adoção de recursos tecnológicos no processo de ensino foi reconhecida como uma ferramenta de grande potencial para fomentar abordagens interdisciplinares. Por meio da ampla gama de informações acessíveis via internet, os estudantes são capacitados a explorar diversos domínios do conhecimento de maneira interconectada (LEITE, 2023). Por exemplo, ao investigar um tema específico, os discentes podem conduzir pesquisas em disciplinas diversas, como história, geografia e ciências, ampliando, assim, sua compreensão abrangente do assunto em questão. Além disso, a incorporação de recursos multimídia, como vídeos, imagens e áudios, pode enriquecer a dinâmica do ensino e a aprendizagem, potencializando sua abordagem interdisciplinar ao correlacionar conteúdos diversos e instigar a reflexão e o diálogo entre os alunos. Outra estratégia consiste na implementação de projetos colaborativos, que podem ser facilitados por meio de plataformas online, incentivando a colaboração entre estudantes, o compartilhamento de ideias, pesquisas e produções, e promovendo o desenvolvimento de habilidades essenciais, incluindo o trabalho em equipe, a comunicação e a resolução de problemas. No entanto, é importante ressaltar que a inserção da tecnologia no processo educativo não deve ser considerada como uma substituição total de outras práticas, mas sim, como um meio de enriquecer ainda mais a experiência educacional. Assim, é imprescindível que os educadores planejem e executem atividades que integrem diversas áreas do conhecimento, fomentando a interdisciplinaridade de modo substancial (FAZENDA, 2007). Em síntese, a interligação entre a interdisciplinaridade e a tecnologia no contexto educativo representa uma via crucial para promover uma educação contextualizada e significativa. Com o trabalho estratégico da tecnologia, os discentes são capazes de explorar múltiplos domínios do conhecimento de maneira integrada, ampliando sua compreensão dos temas envolvidos. Além disso, a utilização de recursos multimídia e a promoção do trabalho colaborativo estimulam o desenvolvimento de habilidades essenciais para o século XXI. Consequentemente, é fundamental que os docentes estejam devidamente capacitados para empregar a tecnologia de modo pedagogicamente eficaz, promovendo a interdisciplinaridade e proporcionando aos alunos uma experiência educacional mais completa e significativa.

⁹Discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade. Recursos tecnológicos. Ensaio Teórico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 out, 2023.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 2007.

LEITE, Joice Lopes. Práticas interdisciplinares: tecnologias, inovação e aprendizado. In. SILVA, Ana Lucia Gomes da; ALMEIDA, Telma Teixeira de. **Interdisciplinaridade e metodologias ativas**. São Paulo: Cortez Editora, 2023.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um Ensaio-Teórico? RAC, Curitiba, v. 15, n. 2, pp. 320-332, Mar./Abr. 2011. Disponível em: < <http://www.anpad.org.br/rac> > . Acesso em: 20 out. 2023.



Resumos categoria Psicologia

A METANÓIA DO AUTOCONHECIMENTO

Josemere Helvig de Lima¹⁰
Fabio Wiechetek¹⁰

RESUMO

O tema da dependência química tem se tornado extremamente relevante em nossa sociedade, visto que o consumo de Substâncias Psicoativas (SPA) tem aumentado drasticamente nos últimos anos (SANTOS; COSTA-ROSA, 2007). Essa problemática é evidenciada pelo Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID, 2009), tornando-se um grave problema social, penal e de saúde pública. Entretanto, a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu a dependência química como doença, somente na década de 1980. Porém, ainda não era considerada como problema de saúde pública, mas sim, uma questão jurídica ou médico-psiquiátrica. A partir de então, a OMS determinou que a dependência de SPA deve ser tratada simultaneamente como uma doença crônica e, conseqüentemente, como um problema social (CARTANA, et al.; 2004; SCIVOLETTO; MORIHISA, 2001). Somente a partir desse período iniciou-se a implementação de Centros de Tratamento para indivíduos dependentes de SPA. Em decorrência do número crescente de pessoas que buscam tratamento para dependência de SPA, nos diversos modelos ofertados pelo estado e em parcerias com o terceiro setor, o Ministério da Saúde tem o desafio de apresentar soluções nos campos da prevenção, tratamento e reinserção social para os usuários de álcool e outras drogas, assumindo a responsabilidade de lidar com esse problema como uma questão de saúde pública (BRASIL, 2004). No Brasil, atualmente se prioriza o modelo de redução de danos, que consiste em minimizar gradativamente o uso de SPA (CARLINI, 2003). Mediante as transformações que ocorreram na área da saúde mental no Brasil na década de 70, principalmente pelo movimento antimanicomial, caracterizado pelos direitos das pessoas com sofrimento mental, foi criado o Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS), que trata os indivíduos a partir de uma perspectiva de terapia multiprofissional com intervenções interdisciplinares. O CAPS atua de forma efetiva na área clínica e estimula a integração social e familiar, oferecendo atendimento médico e psicológico (BRASIL, 2002, p.19). Paralelamente a esse modelo (CAPS), existe também o tratamento de abstinência total de SPA, realizado através de parcerias público-privadas, comumente encontrado em Comunidades Terapêuticas (CTs) em acolhimento institucional. A primeira CT foi criada no Brasil em 1968, com como objetivo principal de tratar dependentes de SPA (CHAVES, 2007, p.89), sendo assim o precursor do modelo de abstinência total. O tratamento estabelecido pelas CTs é baseado no modelo biopsicossocial e espiritual, porém há uma minoria de CTs que se concentram apenas no aspecto espiritual, devido à deficiência de uma equipe multiprofissional. Dentro do modelo biopsicossocial e espiritual, no programa terapêutico, faz-se necessário suprir a demanda do autoconhecimento apresentado pela psicologia, proporcionando novos repertórios comportamentais, bem como o autoconhecimento, que poderão auxiliar nas tomadas de decisão (BRANDENBURG & WEBER, 2005).

PALAVRAS-CHAVE: Dependência Química. Autoconhecimento. Comunidades Terapêuticas.

¹⁰Discentes do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Fidelis.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV-TR - **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4. ed., Porto Alegre, Artmed, 880 p., 2002.

OLIVEIRA, M. da S.; LARANJEIRA, R.; ARAÚJO, R.B.; CAMILO, R.L.; SCHNEIDER, D.D. Estudo dos estágios motivacionais em sujeitos adultos dependentes do álcool. **In: Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 2, p. 265-270, 2003.

BRASIL. A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. Brasília, Ministério da Saúde, 64 p. 2004.

CEBRID. **Dependência - o que é dependência**. 2009. Disponível em: http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/quest_drogas/dependencia.htm#topo. Acesso em: 27/04/2009.

CARVALHO, G. S. O Lugar dos Sentimentos na Ciência do Comportamento e na psicoterapia Comportamental. **In: Psicologia: Teoria e Prática**, v. 1, n. 2, p. 33-36, 1999.

CARVALHO-NETO, M. B. Análise do Comportamento: Behaviorismo Radical, Análise Experimental do Comportamento e Análise Aplicada do Comportamento. **In: Interação em Psicologia**, v. 6, n. 1, p. 13-18, 2002.



Resumos categoria Teologia

O CRIMINOSO E A VÍTIMA A PRESENÇA DE DEUS NA RESTAURAÇÃO E PACIFICAÇÃO

Cornelius Hiskia Dantas¹¹
André Felipe Klassen¹²

RESUMO

Qual a importância da Teodiceia ao longo da história, seu impacto na concepção teológica e o conflito entre a realidade de um Deus que, numa situação de crime, ama tanto a vítima quanto o criminoso agressor? Essa questão se sobressai quando o autor trabalhou com dependentes químicos em uma comunidade. Nesse contexto, uma pergunta era presente: “Onde estava Deus quando...?” Esta pergunta era respondida de formas diferentes e curiosas. O assunto da presença de Deus no crime continua a dividir a comunidade cristã e o conceito de Deus hoje. Portanto, é necessário estabelecer uma conexão entre o tema com o conceito da Teodiceia. Felipe Sabino de Araújo Neto no seu artigo “Teodiceia Calvinista: A resposta de Gordon Clark ao problema do mal”, afirma que se entende por teodiceia a tentativa de justificar Deus, tanto a sua existência como seus atributos (sobretudo bondade e onipotência), diante dos males presentes no mundo. Nessa perspectiva, aborda-se de que forma Deus está presente no crime. No artigo citado, encontra-se um incomparável contexto de diferenças culturais, desigualdades sociais e realidades de vida que contribuem para o surgimento de vários crimes (SOARES, 2004), às vezes praticadas por pessoas com transtornos psicológicos. Isto faz com que o a situação da criminalidade, dos criminosos e de suas vítimas seja um assunto relevante para ser estudado na realidade brasileira. O trabalho sugere passos concretos, através dos quais Deus se faz presente, e assim a restauração e a reconciliação possam acontecer. O aconselhamento nesta área é, como em outras vertentes, fundamental. Entretanto, o público-alvo afetado pelo crime precisa considerar algumas técnicas e formas não convencionais. Exemplos que podem ser citados neste contexto, são a Justiça Restaurativa, que é um processo que visa reparar o dano causado por um conflito, em vez de simplesmente punir o transgressor (ORSINI; LARA, 2012, p. 305), e o método da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), que é um modelo desenvolvido em formato de presídio não convencional, sendo entidade civil idealizadora de um método de recuperação e reintegração social de presos (JORGE, 2016, p.95). Dessa forma, possibilita-se construir, manter e desenvolver um vínculo de aconselhamento, que por fim permite a Deus alcançar essas pessoas com suas particularidades e, conseqüentemente, serem restauradas e reconciliadas com Ele. A criatividade de Deus ao se revelar de forma profunda e individual, oferecendo amparo através de pessoas que Ele capacita e chama para esse trabalho árduo, certamente cabe ao discípulo de Jesus Cristo abraçar este chamado. Souza afirma que a esperança motivada pela promessa, precisa promover transformação no homem assim causa transformação em seu mundo (SOUZA, 2019, p. 255). O engajamento da igreja brasileira, através de ações interdenominacionais, é um potencial meio para elencar projetos onde as vítimas e os criminosos recebem amparo necessário através de acompanhamento individualizado, utilizando a Justiça Restaurativa e as APAC's, entre outras. Dessa forma, a igreja brasileira se torna meio a fim de que a realidade da presença de Jesus Cristo

¹¹Discente do Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

¹²Bacharel em História pela UFPR. Bacharel e Mestre em Teologia pela FABAPAR. Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

no ato do crime, sirva tanto para a vítima reconhecer que Deus nunca a abandonou, pois Ele a ama e que não existe dor que Ele não seja capaz de curar, quanto para o agressor entender que não existe mal que possa ser feito que Deus não possa perdoar e, assim, libertá-lo da culpa. A relação entre a crença em Deus e a experiência de eventos traumáticos na recuperação tanto da vítima quanto do criminoso está na compreensão de que Deus estava presente no ato do crime, se revelou no e através do processo de recuperação, e é testemunhado como realidade suprema no resultado final de um criminoso restituído e de uma vítima reconciliada, ambos sendo pacificados.

PALAVRAS-CHAVE: Deus. Teodiceia. Crime. Criminoso. Vítima.

REFERÊNCIAS

ORSINI, Adriana Goulart de Sena; LARA, Caio Augusto Souza. Dez anos de práticas restaurativas no Brasil: a afirmação da justiça restaurativa como política pública de resolução de conflitos e acesso à Justiça. **In: Revista Responsabilidades (TJMG)**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 305-324, set. 2012/fev. 2013.

DISCÍPULO RADICAL

Ivone Martins de Souza¹³
Felipe Christoffoli¹⁴

RESUMO

John Stott foi um pastor e teólogo anglicano britânico, conhecido como um dos grandes nomes mundiais evangélicos, ele morreu aos 90 anos em Surrey, Inglaterra. Foi na Antioquia que os discípulos de Jesus foram chamados de cristãos pela primeira vez. Ambas as palavras, cristão e discípulo, implicam relacionamento com Jesus. A palavra discípulo é mais forte, pois implica o relacionamento aluno e professor. A palavra radical vem do latim *radix*, que significa raiz. Refere-se àqueles cujas opiniões vão às raízes e são extremos em seu compromisso. Vamos falar sobre o discípulo radical e o inconformismo, fugindo do escapismo e conformismo. Deus nos desafia a ser diferentes dos outros; Ele quer que sejamos santos, porque Ele é santo. Romanos 12.2 diz: “não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”. Existem quatro tendências contemporâneas que devem ser resistidas. São elas: o desafio do pluralismo, ele rejeita as alegações cristãs e entende a tentativa de converter qualquer pessoa ao que julgamos como nossa opinião como uma atitude arrogante; o materialismo, as coisas materiais podem abafar a nossa vida espiritual. Jesus diz não armazenarmos tesouro na terra e nos adverte contra avareza; o relativismo ético, o relativismo tem se infiltrado nas igrejas, com padrões morais se desfazendo. Não devemos ser totalmente inflexíveis em nossas decisões éticas, mas procurar, com sensibilidade aplicar os princípios bíblicos em cada situação; o desafio do narcisismo, que é um amor excessivo por si mesmo. Devemos amar a Deus de todo o coração e ao nosso próximo como a nós mesmos. Aquele que não ama, não vive, pois viver é amar, e sem amor a personalidade humana se desintegra. Não devemos ser agitados pelo vento, dobrando-nos diante da opinião pública, mas inabaláveis como uma pedra em correnteza. A Palavra de Deus diz para não sermos moldados pelo que está ao nosso redor. Devemos ser como Cristo.

REFERÊNCIAS

STOTT, John. **O discípulo radical**. Viçosa, MG: Ultimato, 2011.

¹³Discente do Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

¹⁴ Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: INFLUÊNCIA DA RESTAURAÇÃO EMOCIONAL NA ESPIRITUALIDADE

Mariluce Emerim de Melo August¹⁵

RESUMO

O cuidado emocional tem encontrado espaço em igrejas evangélicas na atualidade na ótica da restauração da alma. Em que esse cuidado impacta a espiritualidade? Há poucos estudos associando esses dois aspectos. Esse relato de experiência pretende entender o impacto da restauração emocional na espiritualidade. Já existem programas no Brasil de restauração emocional em igrejas evangélicas: “Celebrando a Restauração”, “Celebrando a Recuperação” e o “REVER (Restaurando vidas, equipando restauradores)”. Faço parte do REVER há 5 anos. Com experiências traumáticas da infância, “muitos de nós passamos a ser hostis, apáticos, ressentidos, dissimulados e egocêntricos” (KORNFIELD, 2008, p. 65). A restauração emocional pode acontecer ao crer que Deus pode devolver a sanidade, ou seja, é necessário resgatar a confiança Nele, diz o autor. Este relato se refere a um de meus grupos REVER, iniciado em 2023, com mulheres líderes em suas igrejas. Elas passaram por ministrações de restauração emocional em um grupo pequeno acolhedor por 8 meses. No autoconhecimento, reconheceram falta do amor fundamental na infância e mecanismos de defesa (medo, raiva, codependência, super responsabilidade, ativismo etc.) adotados para suportar a dor de viver experiências disfuncionais e até traumáticas. Saindo da espiritualização ou negação, puderam liberar dor e mágoas, sem julgamentos ou críticas como requer o programa. Fizeram uma troca divina (Mateus 11.28,30), entregando suas dores para Deus, recebendo fardo leve e jugo suave (esperança, paz, alegria, alívio, ensinamento) e o perdão de Deus. Liberaram perdão para os que as machucaram. Enxergaram que precisam pedir perdão a outros. Tiveram experiências com o amor real de Deus, que salva e cura. Num dos últimos encontros, compartilharam como sua percepção sobre Deus mudou: “percebo Deus mais presente nas músicas e nos versículos, diferente de antes”; “consegui entregar e receber coisas de Deus que se tornam espirituais”; “fiquei com os olhos mais abertos e ouvidos mais atentos”; “consigo apreciar melhor o culto”; “mais certeza de que Deus é amoroso e que me ama”; “melhora nosso contato consciente com Deus”; “me faz obedecer de forma mais profunda.” A forma como entendemos ou o que sabemos sobre Deus define o tipo de relacionamento que temos com ele e como nos comportamos. Manteremos certa distância de Deus por medo se o consideramos exigente e cruel. Se Deus for visto como uma força impessoal, provavelmente teremos uma relação impessoal com Ele. Jesus apresentou um Deus que é pai, bom e maravilhoso, amoroso e confiável, auto sacrificial e perdoador, poderoso, zeloso e interessado em nosso bem (SMITH, 2010, p. 111). Para confiarmos em Deus ao ponto de entregar a Ele nossas dores e preocupações, precisamos conhecer sua verdadeira natureza. “A maioria das pessoas não conhece Deus como alguém digno de lealdade e do compromisso absolutos [...] o egoísmo e as mágoas emocionais nos prendem, impedindo-nos de ser as pessoas que o Pai pretendia que fôssemos!” (McLUNG Jr, 2007, p. 11). Muitos cristãos paralisam e não conseguem confiar em Deus e na transformação que se seguirá, em circunstâncias e crises fora de seu controle. O solo de seu coração torna-se duro (Mc 4.1-20). Ou negam, escondendo-se na fé, espiritualizando, para fugir do sofrimento em vez de confiar em

¹⁵ Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

Deus. Os bons sentimentos da presença de Deus evaporam. São trevas, desamparo, fraqueza, sensação de fracasso, esterilidade e sequidão. No entanto, é um modo de Deus reprogramar afetos e paixões para que as pessoas possam se deleitar em seu amor e entrar numa comunhão mais rica e plena com Ele, libertando de embaraços e idolatrias. Deus deseja um apego mais íntimo e amoroso com Ele, “desprendendo-nos de certos comportamentos e atividades, aprendendo a sofrer nossas perdas e aceitando o dom de nossos limites” (SCAZZERO, 2013, p. 153,166). Enfim, Paulo afirmou em 1 Tessalonicenses 5.23: “o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis”. Corpo, alma e espírito representam a plenitude de vida em três dimensões as quais precisam de atenção. Restaurar emoções é restaurar a alma. E isso faz bem para os relacionamentos interpessoais e com Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Restauração emocional. Cura da alma. Espiritualidade.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA online multilíngue. Nova Versão Internacional. Disponível em: <[HTTP://www.bibliaonline.com.br/index.jspa](http://www.bibliaonline.com.br/index.jspa)>. Acesso em: 22/10/2023.

KORNFELD, David. **Aprofundando a restauração da alma através de grupos de apoio**. 2.ed. São Paulo: Mundo cristão, 2008.

McLUNG Jr., Floyd. **O imensurável amor de Deus**. 2.ed. Tradução: João Batista. São Paulo: Vida, 2007.

SCAZZERO, Peter. **Espiritualidade emocionalmente saudável: desencadeie uma revolução em sua vida com Cristo**. Tradução: Onofre Muniz. São Paulo: Hagnos, 2013.

SMITH, James Bryan. **O maravilhoso e bom Deus: apaixonando-se pelo Deus que Jesus conhece**. Tradução: Andrea Filatro. São Paulo: Vida, 2010.

O LUTO E AS MANEIRAS DE REAGIR ÀS PERDAS

Silvane de Paula Padilha¹⁶
Mariluce Emerim de Melo August¹⁷

RESUMO

Este estudo trata dos fatores que influenciam a maneira de lidar com a perda. A problemática parte da motivação pessoal para a escolha do tema. As pessoas parecem não saber lidar com os enlutados. Exigem uma aceitação imediata, sem permitir chorar a dor da perda, e pressionam por uma volta à rotina normal de forma imediata. Senti-me culpada e mais frágil ainda pela perda de alguém significativo. O objetivo desse estudo é entender, a partir de pesquisa bibliográfica, os fatores que influenciam as reações às perdas significativas. Seis fatores influenciam o modo como uma pessoa reage à perda: previsibilidade do luto, o tipo de perda, crenças, histórico de vida e personalidade, ambiente social, circunstâncias que acompanham a morte. É “cada tipo de perda parece provocar uma espécie diferente de sofrimento e de reação” (COLLINS, 2004, p. 410). Dessa forma, o tipo de perda interfere na maneira como as pessoas lidam com a dor do luto. Fatores simultâneos também podem determinar o resultado do luto. Entre eles estão: gênero, idade, personalidade, (tendência ao pesar ou inibição de sentimentos), classe social, nacionalidade, religião, (crenças e rituais), e fatores culturais e familiares influenciando na expressão do pesar. Existe também a influência de fatores posteriores como: apoio social ou isolamento, estresse secundários, e oportunidades emergentes (abertura se opções) (PARKES, 1998, p. 147). Para algumas pessoas, o luto dura apenas algumas semanas ou meses, mas pesquisas realizadas com viúvas mostram que a maioria precisa de pelo menos três ou quatro anos para alcançar a estabilidade. Mesmo assim, a vida nunca mais é igual ao que era antes da morte do ente querido (COLLINS, 2004, p. 409). “Refletir sobre morte, separações e perdas nunca é fácil. Por mais que sejamos confrontados com essas realidades, o mais fácil é vivermos como se a morte e a separação não existissem”. A perda pode ser conceituada “como sendo um estado de privação, sem a presunção de qualquer resposta em particular; ao passo que luto é a resposta a essa perda”. (AUGUST; ESPERANDIO, 2022, p. 162). A respeito dos efeitos do luto tem que levar em consideração os muitos fatores possíveis quando se tenta explicar as diferenças entre as reações das pessoas a esse acontecimento. “Não basta dizer que a perda de um objeto de amor causa pesar e deixar como está”. Nesse sentido, o aconselhamento no luto é algo que precisa um certo cuidado. As palavras de consolo não podem colocar peso de culpa sobre o enlutado e nem o fazer se sentir pior do que já se sentia com a perda. Além disso, as pessoas lidam de formas diferentes, porque muitos fatores influenciam a maneira como as pessoas lidam com o pesar.

PALAVRAS-CHAVE: Luto. Reação às perdas. Aconselhamento.

REFERÊNCIAS

¹⁶Discente do Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

¹⁷ Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

AUGUST, Hartmut; ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **Teoria do Apego e Apego a Deus, fundamentos e implicações no cuidado Espiritual**. Curitiba: Menonpress, 2022.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

PARKES, Colin, Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

O QUE É NECESSÁRIO PARA SER UMA IGREJA BÍBLICA

Rosinei Soares da Silva¹⁸

Arthur Wesley Duck¹⁹

RESUMO

Esta pesquisa bibliográfica tem o objetivo de tratar de alguns dos critérios do modelo de uma igreja bíblica e poderá contribuir para a reavaliação dos atuais critérios usados para que uma igreja tenha um padrão bíblico. Embora muitas pessoas participem de uma igreja, elas têm dificuldade em responder de uma forma assertiva o que uma igreja necessita para ser uma igreja bíblica. Não é apenas necessário ler a bíblia e ter uma, ou ir a duas reuniões semanais, indo cada um para sua casa após o término do culto. Uma igreja bíblica começa nos relacionamentos entre os irmãos fora do culto de domingo e termina em um culto onde todos se reúnem para serem edificados como corpo de Cristo, servindo uns aos outros com a capacitação dos dons do Espírito Santo. O critério de validade bíblica significa que todas as estruturas da igreja devem, de fato, ajudar a igreja a ser igreja. Simplificando, a igreja deve, de fato, ajudar a desempenhar sua missão na esperança do Reino de Deus. Portanto, devem ser estruturas que formem discípulos que promovam a vida em comunidade, e sustentem o testemunho e a esperança no reino. “Estruturas que de fato fazem isso são válidas, estruturas que não o fazem são inválidas, não importa o quanto sejam atraentes eficientes ou veneráveis” (SNYDER, 2004, p.150). As pessoas não estão procurando igrejas perfeitas. Estão procurando igrejas que se importam com Jesus e com elas (KIMBALL, 2011, p. 251). A igreja bíblica deve ter a cultura de bondade, a qual não é criada com determinação, força, nem por meio de criativas programações. Igrejas bondosas são obra do Espírito Santo de Deus, colocada em ação para criar cultura de bondade. Além disso, Deus tem em mente uma igreja onde a comunidade de cristãos seja caracterizada por alegria, paciência, amor, gentileza, bondade, paz, fidelidade e domínio próprio, sobre a qual ele possa dizer: “É isso mesmo! Foi o que planejei! Excelente! Bom demais! Isso é bom” (McKNIGHT; BARRINGER, 2022, p. 112). A igreja bíblica demonstra compaixão como fez Jesus com a mulher samaritana em João 4, quando judeus não falavam com samaritanos. Jesus se preocupa com pessoas que necessitam de compaixão mais do que com as culturas ou rituais religiosos. Jesus desenvolve um diálogo intencional a fim de demonstrar para a mulher samaritana o que os valores do reino de Deus têm a oferecer. Jesus usa o momento oportuno para apresentar à mulher samaritana uma oportunidade de ter a vida atingida pelos valores do reino. Jesus pede água à mulher samaritana, mas o que ele realmente queria era quebrar as barreiras religiosas existentes, e se apresentar como sendo a própria água da vida. Isso contradiz os valores vividos hoje pelos cristãos. Se desenvolve um conceito que se determinado grupo de pessoas não acredita no que eu acredito, e se não vive como eu vivo, não participa da igreja ou comunidade que eu participo, e nem serve para conversar ou ter amizade. Esses valores, no entanto, não são os valores ensinados por Jesus. Jesus conhecia a vida da mulher samaritana, mas, vivendo os valores do reino de Deus, ele não contestou nem julgou o estilo de vida que a mulher samaritana levava. Demonstrou compaixão, dizendo à mulher que ele pode oferecer uma nova vida a ela, ao contrário dos judeus, que consideravam os samaritanos impuros e os evitavam. A grande maioria ainda não vive pelos valores do reino de Deus. Têm palavras e atitudes de

¹⁸Discente do Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

¹⁹Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

juízo, e falta atitudes de compaixão aos moldes de Jesus, que podem mudar a história de pessoas que necessitam ser assistidas pelos valores do Reino de Deus. Portanto, é necessário observar melhor os critérios que uma igreja tem como base para ser uma igreja bíblica. A boa vontade em pregar e ensinar o que está na Bíblia nem sempre será o requisito principal. Resultados bíblicos esperados somente aparecerão quando endossados pelo Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja. Dons. Espírito Santo. Relacionamentos.

REFERÊNCIAS

KIMBALL, Dan. **Eles gostam de Jesus mas não da igreja: insights das gerações emergentes sobre a igreja**. Tradução: Marson Guedes. São Paulo: Vida, 2011.

McKNIGHT, Scot; BARRINGER, Laura. **Uma igreja chamada TOV: a formação de uma cultura de bondade que resiste a abusos de poder e promove cura**. Tradução: Suzana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

SNYDER, Howard A. **A comunidade do Rei**. Tradução: Lucy H. K. Yamakami. São Paulo: ABU, 2004.